

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Rafael d'Almeida Horta

**UMA ANÁLISE DO LIVRO *AGASSI - AUTOBIOGRAFIA* PELA PERSPECTIVA DA
FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS**

PORTO ALEGRE

2024

Rafael d'Almeida Horta

**UMA ANÁLISE DO LIVRO *AGASSI - AUTOBIOGRAFIA* PELA PERSPECTIVA DA
FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Guy Ginciene

Porto Alegre

2024

Rafael d'Almeida Horta

**UMA ANÁLISE DO LIVRO *AGASSI - AUTOBIOGRAFIA* PELA PERSPECTIVA DA
FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS**

Conceito final:

Aprovador em: _____

Banca examinadora:

Carlos Adelar Abaide Balbinotti

RESUMO

A iniciação esportiva tem uma grande importância no desenvolvimento das crianças e existem vários caminhos possíveis para chegar a esse objetivo como o modelo tradicional e o modelo proposto pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), o Caminho do Desenvolvimento de Atletas (CDA). Neste trabalho o objetivo é analisar a biografia do ex-tenista profissional, Andre Agassi, pela ótica dos estudos de formação de atletas e desenvolvimento de atletas em longo prazo. O estudo adota uma abordagem qualitativa para analisar a autobiografia de Andre Agassi, explorando sua especialização precoce no tênis. A análise documental do livro é central, utilizando procedimentos sistemáticos para extrair insights qualitativos sobre a formação do atleta. Essa metodologia proporciona uma compreensão contextualizada, indo além de números e estatísticas, destacando as experiências e significados presentes na narrativa autobiográfica de Agassi. O livro "Agassi" detalha a carreira do tenista Andre Agassi, abordando desde sua infância até o sucesso nos Grand Slam. Revela uma especialização precoce no esporte, imposta por seu pai com treinamento intenso desde a infância. Apesar do êxito, Agassi enfrentou desgaste físico e emocional, destacando seu desgosto pelo tênis. O relato contrasta com experiências de tenistas como Jannik Sinner, evidenciando os riscos da especialização precoce.

Palavras-chave: Formação de atletas; Desenvolvimento de atletas; Tênis

ABSTRACT

Sports initiation plays a crucial role in the development of children, with various approaches available to achieve this goal, such as the traditional model and the one proposed by the Brazilian Olympic Committee (COB) known as the Athlete Development Pathway (ADP).

This study aims to analyze the biography of former professional tennis player Andre Agassi from the perspective of long-term athlete development studies.

The research employs a qualitative approach to examine Andre Agassi's autobiography, delving into his early specialization in tennis. The central focus is on document analysis, utilizing systematic procedures to extract qualitative insights into athlete development. This methodology offers a contextualized understanding that goes beyond mere numbers and statistics, emphasizing the experiences and meanings embedded in Agassi's autobiographical narrative.

The book "Agassi" intricately details the tennis career of Andre Agassi, spanning from his childhood to Grand Slam success. It unveils an early specialization in the sport, enforced by his father through intense training since childhood. Despite his achievements, Agassi endured physical and emotional strain, highlighting his disillusionment with tennis. This account contrasts with the experiences of players like Jannik Sinner, underscoring the risks associated with early specialization.

Keywords: Athlete development; Long-term athlete development; Tennis

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	7
2 INTRODUÇÃO.....	9
3 OBJETIVO.....	11
4 MARCO TEÓRICO.....	12
4.1 INICIAÇÃO ESPORTIVA.....	12
4.2 INICIAÇÃO AO TÊNIS.....	15
4.3 MODELOS DE DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS.....	17
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	21
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

1 APRESENTAÇÃO

Aos oito anos iniciei no tênis com treinamentos tradicionais em que eram lançadas muitas bolas, eram feitos movimentos repetitivos e o professor fazia algumas correções pontuais e repetitivas, assim como os exercícios. Segui no esporte pelo prazer que eu sentia em jogar após as aulas e minha vontade de seguir uma carreira como atleta de tênis.

Durante esses anos, percebi que a abordagem técnica predominante nos treinos nem sempre refletia a riqueza e a complexidade do tênis como esporte. O foco excessivo na técnica, com poucas oportunidades para jogar partidas, gerou questões sobre a eficácia desse modelo de formação.

Ao entrar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) percebi que os métodos tradicionais de treinamento, focados predominantemente na técnica e na repetição, podem não ser os mais eficazes para o desenvolvimento completo de um atleta. Minha própria trajetória foi interrompida por uma lesão aos 14 anos, levando-me a refletir sobre os desafios enfrentados pelos atletas em sua formação.

Esse ponto de inflexão guiou-me à escolha do meu tema: "Formação de Atletas e Desenvolvimento a Longo Prazo". No cerne desta pesquisa está a análise dos modelos tradicionais de ensino, inspirada pela obra *Agassi: Uma Autobiografia* (2010). O livro oferece um olhar íntimo sobre a formação de um ícone do tênis e revela as falhas inerentes aos métodos convencionais.

Ao fazer a leitura do livro notei pontos em comuns da trajetória do Agassi com a minha, não no que diz respeito à relação com o pai, mas sim com os treinos, que em muitos momentos davam a entender que eram muito mais técnicos. Apesar dessa semelhança nos treinos, não tive o mesmo sucesso do Agassi no esporte, o que me fez questionar: o quanto foi o modelo de ensino que fez com que ele se tornasse o que ele se tornou? Existem outras maneiras de aprender o esporte que podem levar para um mesmo lugar? Se sim, qual o melhor caminho para se seguir?

Durante minha trajetória na UFRGS, tendo contato com excelentes professores e diferentes formas de ensino, fui percebendo que existem modelos diferentes e não apenas o que eu fui submetido, já que eu fui um dos poucos que continuou no esporte entre meus primeiros colegas de aula que acabaram por tomar outros caminhos. Aos poucos fui percebendo que as metodologias de ensino que

foram sendo estudadas ao longo dos anos fazem muito mais sentido, não só pensando no alto rendimento, mas principalmente nas pessoas que acabam abandonando o esporte e levando uma vida muito sedentária.

2 INTRODUÇÃO

A iniciação esportiva desempenha um papel fundamental no desenvolvimento físico, mental e social das crianças, influenciando não apenas suas habilidades atléticas, mas também seu bem-estar emocional e psicológico. Este trabalho aborda o desenvolvimento de atletas, com destaque para a iniciação esportiva, problematizando as diferentes possibilidades existentes para essa trajetória.

A abordagem tradicional na iniciação esportiva muitas vezes prioriza a especialização da criança, buscando formar atletas de elite em uma modalidade específica desde tenra idade. No entanto, essa abordagem enfrenta críticas devido aos potenciais impactos negativos, como a alta taxa de desistência, riscos de lesões e esgotamento emocional. Em oposição a esse modelo, algumas pesquisas identificaram que alguns atletas de alto rendimento percorreram outras trajetórias até chegar ao esporte profissional (Côté; Lidor; Hackfort, 2009). Neste caso, ao invés da iniciação em uma única modalidade, com grande quantidade de treinos deliberados, percebeu-se que também é possível chegar ao alto rendimento com uma iniciação (entre 6 e 11 anos) diversificada, com menos treinos deliberados e com muito jogos e brincadeiras espontâneos, ou deliberados, conforme o termo utilizado pela literatura científica (Côté; Lidor; Hackfort, 2009). No cenário específico da iniciação ao tênis, observa-se a predominância de modelos tradicionais que focam no desenvolvimento técnico, muitas vezes negligenciando aspectos táticos e a consciência do jogo.

Além disso, o trabalho discute alguns modelos de desenvolvimento de atletas, destacando o modelo tradicional e o Caminho do Desenvolvimento de Atletas (CDA) proposto pelo Comitê Olímpico Brasileiro (2022). O modelo tradicional, embora amplamente adotado, enfrenta críticas devido à exclusão prematura de talentos e à ênfase excessiva na especialização precoce. Em contrapartida, o CDA propõe uma jornada progressiva que valoriza não apenas o alto rendimento, mas também o desenvolvimento amplo dos praticantes.

A pesquisa metodológica adotada neste trabalho utiliza uma abordagem qualitativa, focando na análise documental do livro *Agassi: uma autobiografia* de Andre Agassi (2010). A escolha por essa metodologia visa aprofundar a compreensão das experiências do atleta no contexto da especialização precoce, explorando nuances e complexidades presentes em sua narrativa autobiográfica.

Ao examinar as experiências de Agassi, buscamos extrair aspectos que contribuam para uma compreensão mais abrangente das implicações da sua formação e desenvolvimento como atleta no tênis. O objetivo é fornecer um breve panorama sobre as práticas existentes na iniciação esportiva e apresentar alguns modelos de desenvolvimento dos jovens atletas.

3 OBJETIVO

Analisar a biografia do ex-tenista profissional, Andre Agassi, pela ótica dos estudos de formação de atletas e desenvolvimento de atletas em longo prazo.

4 MARCO TEÓRICO

4.1 INICIAÇÃO ESPORTIVA

A iniciação esportiva tradicional tem como base o desenvolvimento de fundamentos técnicos em exercícios de repetição (Ginciene; Impolcetto; Darido, 2017). Nesse tipo de abordagem, não há necessidade de resolver qualquer tipo de problema tático relacionado ao esporte em questão. Por exemplo, no futebol, um exercício de passe muito tradicional envolve colocar os alunos um na frente do outro e fazê-los trocar passes retos. À medida que têm êxito, a distância entre eles é aumentada para criar algum tipo de dificuldade. No entanto, esse tipo de exercício não leva em consideração o fato de que no futebol existem vários adversários tentando evitar que o passe seja concluído. Isso significa que os jogadores com a posse de bola não precisam apenas fazer um passe em linha reta para o companheiro de equipe, mas também tomar outras decisões estratégicas devido à presença dos oponentes.

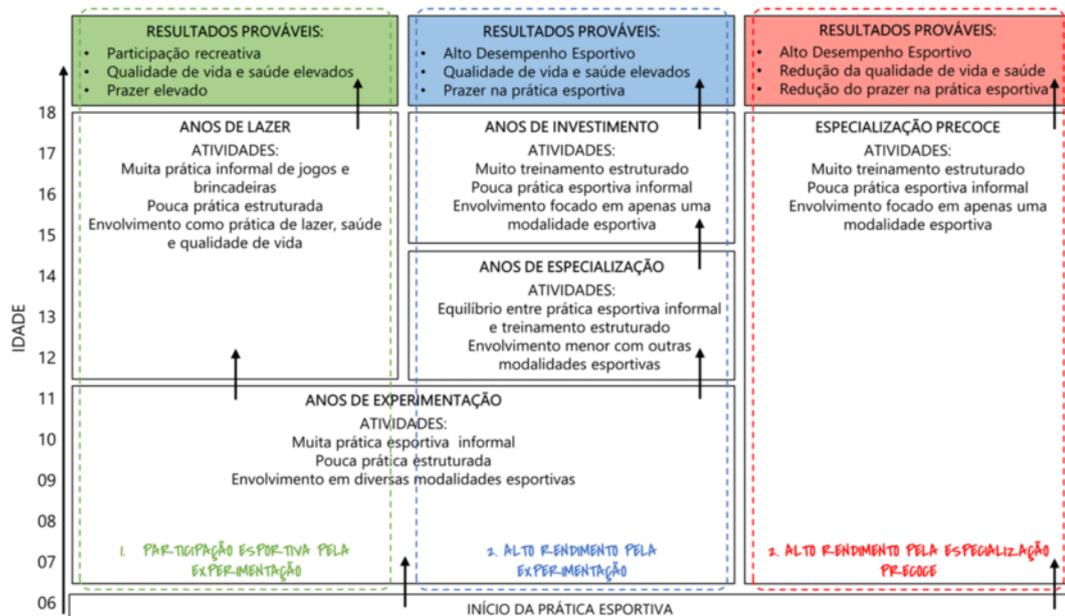
Em um primeiro momento, a orientação dos treinadores ao incentivar os alunos a se dedicarem exclusivamente a um esporte ao longo de suas vidas está relacionada à busca pela melhoria das habilidades técnicas específicas desse esporte. Essa abordagem tem como principal objetivo formar atletas de alto nível em uma modalidade específica. Em alguns casos, as pessoas podem promover a prática exclusiva de um esporte como uma estratégia para treinar de maneira mais intensiva e aprimorar rapidamente suas habilidades técnicas nesse esporte em particular. Isso acontece porque o sucesso em uma categoria específica pode ser fundamental para conquistar reconhecimento no cenário esportivo ou para treinar equipes/atletas mais experientes e de categorias mais avançadas. Essa abordagem é conhecida como especialização precoce, e embora possa maximizar o desempenho em um esporte específico, traz vários riscos como uma maior taxa de desistência, uma vez que os jovens atletas podem enfrentar estresse excessivo e uma diminuição do prazer e diversão no esporte. Além disso, a prática intensiva de um único esporte durante a infância pode aumentar o risco de lesões devido à sobrecarga repetitiva em certos grupos musculares e articulações (Côté; Lidor; Hackfort, 2009). Por fim, a especialização precoce também pode levar ao esgotamento emocional, uma vez que os jovens atletas enfrentam pressão para alcançar o desempenho de elite em um

único esporte, o que pode resultar em consequências negativas para sua saúde emocional e bem-estar (Côté; Lidor; Hackfort, 2009).

O que tem se feito para minimizar a especialização precoce é a proposição de um modelo de ensino que busque o trabalho a partir de jogos lúdicos que tenham esportes formais como pano de fundo e não necessariamente introduzir o aluno num esporte específico desde cedo. Se busca o ensino dos jogos separando-os em grupos de esporte, dentre eles os esportes de rede e parede, esportes de invasão, entre outros (Ginciene; Impolcetto; Darido, 2017).

Já o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (figura 1), elaborado por Côté, Baker e Abernethy (2007), é uma estrutura abrangente que delinea diversas trajetórias de envolvimento no esporte, levando em consideração as necessidades e estágios de desenvolvimento dos jovens atletas. Destacando a importância da diversificação de experiências, crianças são expostas a uma variedade de esportes e atividades físicas durante os anos iniciais, participando de jogos deliberados durante a infância. Esses jogos são atividades esportivas informais e lúdicas, realizadas intencional e voluntariamente, com regras adaptadas conforme idade e habilidade, visando maximizar o prazer e a diversão inerentes à prática esportiva (Côté; Lidor; Hackfort, 2009).

Figura 1 - Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva



Fonte: Confederação Brasileira de Surf (2021), adaptado de Côté, Baker e Abernethy (2007)

Esse modelo (Côté; Baker; Abernethy, 2007) foi construído a partir de diversos estudos com atletas/praticantes e se identificou basicamente duas formas de se iniciar no esporte, a especialização precoce e a diversificação, que podem levar a três caminhos diferentes (Côté; Baker; Abernethy, 2007). A especialização precoce implica foco em um modelo rígido baseado em habilidades, uma seleção precoce de crianças "talentosas", um aumento de recursos para um grupo especial de atletas durante a infância e um regime de treinamento que nem sempre é consistente com a motivação das crianças para participar de esportes. Além disso, o artigo destaca que a especialização precoce pode levar a um aumento do risco de lesões, burnout e abandono precoce do esporte. No entanto, Côté, Lidor e Hackfort (2009) também reconhece que a especialização pode ser benéfica para o desenvolvimento de habilidades específicas e para o aprimoramento do desempenho em um esporte específico. Isso ocorre porque a especialização precoce permite que as crianças se concentrem em um esporte específico desde cedo, o que pode levar a um maior volume de treinamento e a uma maior oportunidade de aprimorar habilidades específicas. Além disso, a especialização precoce pode permitir que as crianças se envolvam em competições de alto nível desde cedo, o que pode ser motivador e desafiador.

Já o início comum entre a diversificação ocorre por meio da participação em uma variedade de esportes e atividades físicas até aproximadamente os 12 anos. Nessa fase, as crianças se envolvem em jogos deliberados, que são atividades esportivas informais e lúdicas, visando maximizar o prazer e a diversão inerentes à prática esportiva. À medida que as crianças progredem em seu desenvolvimento esportivo, por volta dos 12 anos, os caminhos da diversificação começam a se dividir. Em um deles, a ênfase continua na participação em múltiplos esportes, permitindo que as crianças experimentem diferentes modalidades esportivas e desenvolvam habilidades gerais. Eventualmente, por volta dos 13 anos, algumas crianças podem escolher se especializar em um esporte específico, com base em uma ampla experiência em diferentes esportes. Por outro lado, a ênfase também continua na participação em múltiplos esportes, mas sem a intenção de se tornar especialista em um esporte específico. As crianças continuam a participar de diferentes esportes e atividades físicas, mantendo o foco na diversão e no desenvolvimento de habilidades gerais, em vez de habilidades específicas em um esporte. Apesar disso, os autores sugerem que a escolha entre a diversificação e a especialização precoce deve ser

feita com base nas necessidades e estágios de desenvolvimento dos jovens atletas, bem como nos riscos e benefícios associados a cada abordagem (Côté; Lidor; Hackfort, 2009).

4.2 INICIAÇÃO AO TÊNIS

Uma pesquisa sueca (Carlson, 1988) entrevistou jogadores de elite do tênis sueco em 1985. O objetivo era analisar o processo de socialização dos jogadores de tênis de elite na Suécia e contribuir para uma explicação do sucesso experimentado pelos jogadores de tênis suecos na época. O estudo comparou as experiências de um grupo de jogadores de tênis de elite com as de um grupo de controle (jogadores que nas categorias infante juvenis tiveram um ranqueamento parecido), a fim de identificar fatores que influenciaram o desenvolvimento dos jogadores de elite. O estudo traz vários pontos para especular o motivo do sucesso dos jogadores, mas para o presente estudo o interessante é a questão do envolvimento dos atletas de elite com outros esportes na adolescência enquanto o grupo controle concentrava mais no tênis. Um dos jogadores de elite revelou que raramente praticava tênis mais do que três vezes por semana, 45 minutos por sessão, até se tornar profissional. O estudo também indicou que a especialização precoce e o treinamento extensivo não favoreceram o desenvolvimento de jogadores de elite no tênis. Em vez disso, enfatizou a importância de um engajamento esportivo abrangente e de um treinamento menos profissional durante o início da adolescência.

Atualmente a iniciação esportiva no tênis ocorre nos clubes esportivos. Modelos tradicionais de ensino ainda são predominantes nesses locais. Normalmente essas aulas acontecem com muitos alunos e com filas grandes. Assim, de tempos em tempos o aluno bate em uma bola e, acertando ou errando, se desloca para o final da fila para esperar por sua vez novamente. Os poucos alunos que se destacam são separados e colocados em equipes pré competitivas, que passam a se especializar mais ainda no esporte (Ginciene; Impolcetto; Darido, 2017).

Tradicionalmente as aulas começam com aquecimento, os alunos próximos à rede fazendo gestos técnicos, trocando bolas, conhecido como “quadrinho”. Na sequência, mas ainda no aquecimento, os alunos vão para o fundo da quadra e começam a trocar bolas de fundo, procurando manter a bola centralizada para facilitar a troca de bola. Durante esse processo o professor tenta fazer um diagnóstico rápido

para decidir o que vai ser trabalhado durante a aula. No que seria considerado a parte principal, o professor coloca os alunos em fila e lança a bola de um lado para o outro fazendo com que os alunos rebatam as bolas, enquanto o professor faz comentários técnicos para tentar corrigir os erros cometidos pelos alunos. Já ao final da aula são feitos alguns saques para aquecimento e após isso um rápido jogo com a ideia dos alunos aproveitarem o esporte (Gonçalves; et al., 2018).

Os principais problemas desse modelo de aula são a falta de variação dos golpes e a falta de consciência tática dos alunos. As poucas variações de golpes acontecem por conta do professor sempre tentar mandar a mesma bola, na mesma região e com a mesma força, buscando o êxito do aluno no exercício proposto. Porém isso acaba limitando o aluno tecnicamente, já que o tênis é um esporte com inúmeras variações, com as bolas podendo ser rebatidas das mais diversas formas, efeitos e forças. Já com relação às questões táticas esse modelo fica muito limitado porque o aluno rebate a bola lançada pelo professor, onde o professor manda, porém ele não entende qual é a consequência daquela rebatida e muito menos porque ele rebate a bola daquela maneira e não de outra. Desta forma, quando o aluno estiver em um jogo, sem a presença do professor, ele pode ter dificuldade na sua tomada de decisão, por conta de não entender a lógica interna do tênis e não saber o que fazer com a bola (Ginciene; Impolcetto; Darido, 2017).

De maneira a tentar minimizar os problemas existentes na abordagem tradicional no ensino do tênis surgiram teorias de ensino baseadas nos jogos (Ginciene; Impolcetto; Darido, 2017), em que o professor procura criar jogos que contemplem os aspectos táticos do tênis. Tentando ensinar o aluno a pensar como o jogo é jogado e assim encontrar uma solução técnica para resolver a situação que ele se encontra. Com essa construção de uma maneira de se pensar o jogo, o professor faz uma leitura se o aluno está encontrando as melhores respostas para o problema dado e se no caso de não obter êxito prático o professor identificar as questões técnicas que podem auxiliar o aluno a obter sucesso no objetivo do jogo.

O objetivo do ensino dos esportes por meio dos jogos é desenvolver a compreensão dos alunos sobre os jogos, melhorando suas habilidades táticas e estratégicas, em vez de focar apenas nas habilidades técnicas dos esportes. A abordagem por meio de jogos enfatiza a aprendizagem através da participação em jogos modificados que são adaptados para serem adequados à idade e habilidade dos alunos. Esses jogos são projetados para destacar aspectos táticos específicos de

esportes e atividades físicas, permitindo que os alunos aprendam jogando. Ao jogar versões simplificadas dos jogos, os alunos podem se concentrar em entender a estrutura do jogo, as regras, as táticas e as estratégias, o que os ajuda a desenvolver uma compreensão mais profunda do esporte.

4.3 MODELOS DE DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS

Existem alguns modelos de desenvolvimento de atletas, dentre eles o modelo tradicional. Esse modelo busca uma grande base de praticantes à procura de poucos atletas de elite, não se preocupando com qual o destino das pessoas que não alcançam esse maior desempenho. Outro modelo é o Caminho para Desenvolvimento de Atletas (CDA). Esse modelo também tem o objetivo de alcançar o alto rendimento e desenvolver atletas de elite, porém essa busca é feita a partir de um desenvolvimento mais amplo e possibilitando uma saída para as pessoas que não estão contempladas no objetivo maior, que seriam os atletas de ponta.

O modelo tradicional é uma estratégia comumente utilizada no treinamento esportivo, onde o foco inicial é em uma base ampla de participação para jovens atletas. Conforme se avança no modelo, o caminho se estreita, indicando uma especialização progressiva e um aumento na intensidade e no foco competitivo. Na base da pirâmide, o objetivo é desenvolver habilidades fundamentais e promover a participação e o amor pelo esporte. Conforme os atletas progredirem, eles começam a se especializar em esportes ou eventos específicos, e o treinamento torna-se mais direcionado e intenso. No topo da pirâmide estão os atletas de elite, que representam o ápice do desenvolvimento e da especialização no esporte. Esse modelo é amplamente utilizado em programas de desenvolvimento de atletas ao redor do mundo, pois busca equilibrar o desenvolvimento de habilidades, a saúde e o bem-estar dos atletas com a busca por alto desempenho (PNUD, 2017).

O modelo tradicional, embora seja amplamente utilizado, enfrenta críticas e desafios significativos. Um dos principais problemas associados a esse modelo é a exclusão prematura de jovens atletas que não se encaixam nos padrões estabelecidos nas fases iniciais. Isso pode resultar na perda de talentos potenciais e na falta de diversidade no desenvolvimento esportivo. Outra crítica importante é a ênfase excessiva na especialização precoce. O modelo pode incentivar os atletas a se concentrarem em um esporte específico muito cedo, o que pode levar a problemas

como lesões, burnout e a falta de desenvolvimento de habilidades diversas (Coelho, 1988). Além disso, a pressão competitiva que aumenta à medida que os atletas avançam na pirâmide pode resultar em questões de saúde mental, estresse e ansiedade. A transição entre os diferentes níveis da pirâmide também pode ser desafiadora. Mudar de um ambiente de treinamento mais geral para um mais especializado pode ser abrupto e difícil para alguns atletas. Além disso, o modelo pode desconsiderar talentos que se desenvolvem mais tarde, subestimando atletas que podem ter um potencial significativo, trazendo uma ideia de “matar ou morrer” (Rubio, 2001). A abordagem linear do desenvolvimento atlético, presumida pelo modelo de pirâmide, pode ser limitada. O desenvolvimento de atletas é altamente individual, e algumas abordagens não-lineares podem ser mais adequadas para a diversidade de trajetórias de desenvolvimento. Além disso, o foco exclusivo nos atletas de elite pode negligenciar o desenvolvimento de habilidades e a participação a longo prazo em esportes recreativos e de lazer, além de retirar a ludicidade da infância tentando transformar as crianças em mini-atletas (Paes, 1989). A rigidez do modelo tradicional pode não se adequar a todas as culturas esportivas, limitando a flexibilidade na abordagem ao desenvolvimento atlético. Mudanças sociais e tecnológicas, como a influência das mídias sociais e a diversidade de opções esportivas, podem não ser completamente abordadas por modelos tradicionais. Também se entende, segundo Santana (2005), que a iniciação esportiva é algo complexo e que deve contemplar todos os aspectos necessários para o desenvolvimento humano da criança, o que acaba não ocorrendo nesse modelo. Além disso, a ênfase no rendimento a curto prazo pode prejudicar o desenvolvimento a longo prazo dos atletas.

Em 2022 o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) organizou um material e elaborou uma alternativa ao modelo tradicional chamado de Caminho do Desenvolvimento de Atletas (CDA). O CDA pode ser visto como uma jornada progressiva, começando na infância e avançando até o auge da carreira esportiva e além. Essa jornada começa com a fase de "Experimentar e Brincar", onde crianças são introduzidas ao esporte de uma maneira divertida e lúdica. Aqui, o foco é no desenvolvimento de habilidades motoras básicas e no despertar do amor pelo esporte. À medida que as crianças crescem, elas entram na fase de "Brincar e Aprender". Neste estágio, enquanto continuam a se divertir, começam a aprender os fundamentos e as regras de diferentes esportes. É uma fase crucial para o desenvolvimento de habilidades motoras mais refinadas. Conforme os jovens atletas

se tornam mais envolvidos com seus esportes, eles progridem para a fase de "Aprender e Treinar". Aqui, eles começam a treinar de maneira mais estruturada, focando em técnicas específicas e habilidades necessárias para seu esporte. O treinamento se torna mais disciplinado, mas ainda mantém um elemento de diversão. A fase de "Treinar e Competir" marca o início da participação em competições. Os atletas aprendem a lidar com a pressão do ambiente competitivo, enquanto continuam aprimorando suas habilidades e condicionamento físico. Esta fase é essencial para aprender a gestão da pressão e da competitividade. À medida que os atletas alcançam sucesso nas competições, eles entram na fase de "Competir e Vencer". Neste ponto, o foco está em alcançar a excelência e conquistar vitórias. O treinamento é de alto nível, com foco na estratégia e no desempenho mental. Após alcançarem o sucesso, os atletas passam para a fase de "Vencer e Inspirar". Eles se tornam modelos para os outros, assumindo papéis de liderança e mentoria e promovendo o esporte para a próxima geração. Por fim, na fase de "Inspirar e Reinventar-se", atletas de alto desempenho começam a considerar suas vidas pós-carreira esportiva. Eles podem se reinventar em diferentes campos, utilizando as habilidades adquiridas durante sua jornada esportiva para ter sucesso em novas empreitadas. Cada fase dessa jornada não apenas molda os atletas em competidores de elite, mas também em indivíduos exemplares, capazes de inspirar e influenciar positivamente aqueles ao seu redor (COB, 2022).

Figura 2 - Dimensões da vida de atletas ao longo da carreira esportiva dentro do CDA

IDADE	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20	22	24	26	28	30	32	34	36	+
DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO	EXPERIMENTAR E BRINCAR		BRINCAR E APRENDER		APRENDER E TREINAR		TREINAR E COMPETIR		COMPETIR E VENCER		VENCER E INSPIRAR		INSPIRAR E REINVENTAR-SE						
NÍVEL PSICOLÓGICO	Infância				Puberdade Adolescência				Fase Adulta Jovem				Fase Adulta						
NÍVEL PSICOSSOCIAL	Pais Irmãos Pares		Pais Irmãos Pares		Pares Amigos Treinadoras/es Pais		Pares Amigos Treinadoras/es Pais		Parceira/o Treinadoras/es Comissão Técnica Parceiras/os de treino Colegas		Parceira/o Treinadoras/es Comissão Técnica Parceiras/os de treino Colegas		Parceira/o Treinadoras/es Comissão Técnica Parceiras/os de treino Colegas		Família Treinadoras/es Pares				
NÍVEL ACADÊMICO/ VOCACIONAL	Educação Infantil		Ensino Fundamental		Ensino Fundamental		Ensino Médio		Ensino Universitário		Vida Profissional		Vida Profissional		Pós-carreira esportiva				
NÍVEL FINANCEIRO	Família		Família		Família		Família Confederação Clube		Confederação Clube Governo Comitê Olímpico Patrocinador		Confederação Clube Governo Comitê Olímpico Patrocinador		Confederação Clube Governo Comitê Olímpico Patrocinador		Família		Empregador		

Fonte: COB, 2022, Adaptada de Wylleman, De Knop & Reints (2011)

O CDA tem como alicerce o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (Côté; Baker; Abernethy, 2007), que nos anos de experimentação traça dois possíveis caminhos: participação esportiva pela experimentação e alto rendimento pela experimentação. A participação esportiva pela experimentação procura o desenvolvimento do indivíduo para a prática do esporte para toda vida, já o alto rendimento pela experimentação tem como objetivo o desenvolvimento de atletas, mas é importante destacar que esses dois caminhos tem um início em comum, ou seja, não se divide quem vai praticar esporte por toda vida e quem será atleta desde o início do modelo, essa divisão ocorre após a identificação dos talentos e também parte da vontade das crianças envolvidas no processo.

O “alto rendimento pela experimentação” ocorre em três momentos: primeiro, o ponto em comum com a “participação esportiva pela experimentação”, os “anos de experimentação”; segundo os “anos de especialização”; e por último “anos de investimento”.

Ao longo desses anos de diversificação, as crianças têm a oportunidade de explorar diferentes ambientes físicos, cognitivos, afetivos e psicossociais, adquirindo habilidades fundamentais para a especialização posterior em um esporte durante a adolescência. Além disso, essa diversificação proporciona experiências sociais variadas com colegas, treinadores e pais, reforçando a adaptação de habilidades emocionais e de autorregulação, benéficas para o futuro no esporte.

Reconhecendo a fase subsequente de especialização, que ocorre na adolescência, quando os atletas começam a focar em um esporte específico, podem se dedicar mais profundamente ao treinamento especializado, visando aprimorar habilidades específicas e elevar o desempenho no esporte escolhido.

Por fim, destaca-se a etapa de investimento, na qual os atletas se dedicam intensivamente ao treinamento especializado em um esporte específico, geralmente durante a adolescência e idade adulta. Nesse período, atletas mais maduros podem se aprofundar no treinamento, buscando o desenvolvimento de habilidades avançadas e o alcance de um desempenho de elite (Côté; Lidor; Hackfort, 2009).

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O trabalho em questão adota uma abordagem de pesquisa qualitativa, sendo direcionado à análise do livro "Agassi: uma autobiografia" no contexto do tema da especialização precoce. A escolha pela pesquisa qualitativa é respaldada pela natureza exploratória e interpretativa do estudo (Costa; Costa; Andrade, 2014) as nuances e complexidades presentes na narrativa autobiográfica de Andre Agassi (2010).

A análise documental desempenha um papel central nesta pesquisa. O livro em si é considerado como um documento rico em informações, contendo relatos, reflexões e experiências do autor relacionadas à sua vida, incluindo os aspectos vinculados à especialização precoce no esporte. A opção pela análise documental se justifica pela necessidade de examinar o conteúdo textual do livro como uma fonte primária de dados, explorando os relatos de Agassi para identificar elementos que revelem sua vivência e compreensão da especialização precoce no mundo do tênis.

A metodologia envolve uma leitura crítica e aprofundada do livro, destacando passagens relevantes que procuram compreender o processo de formação do atleta. Durante essa análise documental, procedimentos sistemáticos são aplicados, como a categorização de informações, identificação de temas recorrentes e interpretação do significado subjacente a esses elementos (Costa; Costa; Andrade, 2014). O foco está em extrair *insights* qualitativos, considerando o contexto em que Agassi cresceu, às pressões do mundo esportivo e os desafios associados à sua formação como atleta.

Essa abordagem metodológica permite uma compreensão mais rica e contextualizada do tema, indo além dos números e estatísticas para explorar as perspectivas, experiências e significados presentes na narrativa autobiográfica. A pesquisa qualitativa e a análise documental, nesse contexto, oferecem uma perspectiva profunda e interpretativa, contribuindo para uma apreciação mais abrangente das complexidades envolvidas na especialização precoce, conforme retratada na vida de Andre Agassi.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro *Agassi: uma autobiografia* de Andre Agassi (2010) oferece uma perspectiva detalhada sobre a carreira do tenista, incluindo sua jornada desde a infância até o auge e os desafios de sua carreira profissional. Andre Agassi foi um tenista norte-americano que deixou sua marca nas décadas de 1980 e 1990, conquistando títulos em Grand Slam como Wimbledon (1992), Aberto dos Estados Unidos (1994) e Aberto da Austrália (1995). Aos 26 anos, alcançou o auge ao garantir a medalha de ouro olímpica em Atlanta (1996) e completar o Grand Slam (conquistar os quatro Grand Slams durante a carreira: Australian Open, Roland Garros, Wimbledon e US Open) aos 29 anos, vencendo o Aberto da França (1999). Sua primeira ascensão ao posto de número 1 do mundo ocorreu em abril de 1995, um marco significativo em sua carreira. A última vez que ocupou o topo do ranking mundial foi em setembro de 2003, destacando sua notável longevidade no circuito profissional, se aposentando em 2006.

A história do livro revela as intensas pressões e o rigoroso treinamento enfrentado por Agassi desde muito jovem, elementos comuns em contextos de especialização precoce no esporte.

A especialização precoce no esporte refere-se ao foco intenso em um único esporte desde a infância, muitas vezes acompanhado por treinamento rigoroso e expectativas elevadas. Esta abordagem pode levar a sucesso no esporte, mas também pode trazer consequências negativas, como lesões, esgotamento e uma relação complicada com o esporte (Menezes; Marques; Numomura, 2014), aspectos que são evidentes na autobiografia de Agassi.

Andre Agassi foi introduzido ao tênis pelo seu pai desde muito jovem, com três anos ele recebe a primeira raquete e sentia prazer em rebater todos os objetos da casa e seu pai fica feliz por vê-lo fazer isso, mesmo com o próprio Agassi dizendo que seu pai geralmente fica irritado com muitas coisas, como podemos ver nesse trecho:

Quando eu tinha três anos, ganhei uma raquete em miniatura e ele me disse que eu podia sair batendo em tudo(...) Meu pai nunca me repreendeu. Ele ficava furioso com muitas coisas, mas nunca reclamou quando eu batia forte em algo com aquela raquetinha (Agassi, 2010, p. 33).

Já aos quatro anos o pai do Agassi o levava para bater bola com tenistas profissionais, como Jimmy Connors (ex-número 1 do mundo) e já aí começava a pressão para o Agassi se tornar o número 1 do mundo no tênis, como ele relata neste trecho:

Quando eu tinha quatro anos, meu pai começou a me levar para bater bola com os tenistas que jogavam na cidade, começando com Jimmy Connors.(...) Connors disse ao meu pai que tinha certeza de que eu seria um tenista muito bom. Isso eu já sei, meu pai respondeu, aborrecido. Um tenista muito bom? Não, ele vai ser o número 1 do mundo! (Agassi, 2010, p. 33)

Tendo em vista que a especialização precoce é considerada quando o treinamento feito não está condizente com as fases maturacionais dos indivíduos (Menezes; Marques; Numomura, 2014), parece que o percurso de Agassi, narrado por ele próprio, lembra situações de especialização precoce. Ele foi submetido a um regime de treinamento intenso e rigoroso, característico desse tipo de especialização, em dado momento do livro ele comenta sobre como seu pai enxergava a questão do treino:

Meu pai diz que, se eu rebater 2.500 bolas por dia, terei rebatido 17.500 numa semana. Ao final de um ano, dá quase 1 milhão de bolas. (...)Uma criança que consegue bater 1 milhão de bolas por ano será imbatível (Agassi, 2010, p. 29).

O pai de Agassi, Mike, construiu uma máquina de lançar bolas (apelidada de "o dragão") para treinar seu filho, refletindo a intensidade e o foco exclusivo no tênis desde cedo.

Em dado momento do livro também é possível notar a predileção pela técnica do tênis: "Bata antes, berra meu pai. Droga, Andre, bata antes. Suba na bola, suba na bola." (Agassi, 2010, p. 29). Esse momento do livro nos traz uma ideia de qual foi o modelo de treinamento adotado por seu pai desde a infância, se aproximando muito do modelo tradicional. Como foi explorado durante o presente estudo, é possível levantar questionamentos sobre o quanto o treinamento feito da forma que foi pode estar relacionado com o sucesso do Agassi durante sua carreira, como também indagar o quanto ele pode ter sido prejudicial ou não em todos os aspectos que são abordados durante o livro.

Aos 12 anos e contra sua vontade, Agassi foi enviado para a academia de Nick Bollettieri, um dos mais renomados centros de treinamento de tênis para jovens,

onde a competição e o treinamento eram extremamente intensos. Agassi comenta sobre o ambiente da academia de Nick Bollettieri: “A pressão constante, a competição feroz e a total falta da supervisão de adultos aos poucos nos transforma em animais. Aqui predomina uma espécie de lei da selva” (Agassi, 2010, p. 66).

A especialização precoce, como vivenciada por Agassi, pode levar a um sucesso significativo no esporte escolhido, como evidenciado pela sua carreira extraordinária. No entanto, também pode ter consequências negativas, como pressão psicológica intensa, risco de lesões e uma possível perda de interesse ou paixão pelo esporte devido à intensidade do treinamento e à falta de experiências diversificadas na infância e adolescência (Côté; Lidor; Hackfort, 2009). Já no início do livro Agassi traz um relato forte sobre alguns problemas que podem ter sido ocasionados por conta dos treinos intensos desde muito jovem:

Sou relativamente jovem (tenho 36 anos), mas acordo me sentindo como se tivesse 96. Depois de três décadas correndo em arrancadas bruscas, parando de repente, saltando alto e caindo no chão com toda a força, meu corpo não parece mais ser o meu corpo, sobretudo pela manhã. (Agassi, 2010, p. 9)

Em seguida no livro ele confidencia o desgosto dele pelo esporte: “Jogo tênis para viver, embora deteste esse esporte. Detesto o tênis com uma paixão secreta e sombria, e sempre detestei” (Agassi, 2010, p. 9). Corroborando a ideia do esgotamento mental que pode ter sido ocasionado por diversos motivos, entre eles a forma como se envolveu tão intensamente com o tênis desde cedo.

Com isso, em sua autobiografia, o tenista se aproxima muito mais de um modelo de ensino tradicional que entende ser mais importante o resultado imediato do que o desenvolvimento humano amplo, não só do atleta como da criança, o que acaba limitando, muitas vezes, o entendimento do jogo e também retirando a possibilidade de se divertir com o esporte, impedindo que se faça amigos, vá a festas, que se tenha a vida de criança (Paes, 1989). Mesmo ele obtendo grande sucesso sendo número 1 do mundo e campeão de vários torneios é possível ver que a maneira como seu início no tênis foi conduzido levou ele a ter um grande desgosto pelo esporte, fazendo com que ele pensasse em desistir várias vezes durante toda sua carreira.

É importante ressaltar que mesmo o Agassi tendo sucesso na sua trajetória não sabemos quantos outros não desistiram pelo caminho e abandonaram o esporte,

existem outros exemplos, como os tenistas citados na pesquisa de Carlson (1988) que não conseguiram o êxito no esporte, e também de tenistas que tiveram uma trajetória completamente diferente e ainda assim obtiveram sucesso, como o caso do tenista Jannik Sinner, que recentemente venceu o Australian Open, um dos mais importantes torneios de tênis do mundo. Em declaração após a vitória, Jannik ressalta a importância que seus pais tiveram no seu desenvolvimento como atleta:

Todo mundo que está assistindo de casa, principalmente minha família. Eu gostaria que todos pudessem ter meus pais. Eles sempre me deixaram escolher o que eu quisesse. Mesmo quando eu era mais jovem, pratiquei outros esportes. Eles nunca me pressionaram. Desejo que esta liberdade seja possível para o maior número possível de crianças. Muito obrigado aos meus pais (Jannik Sinner em declaração após o título do Australian Open 2024)

Em determinado momento Agassi comenta sobre praticar futebol e que seu pai não se importava, já que acreditava que o futebol poderia ajudar a desenvolver sua agilidade, porém após uma lesão seu pai acaba proibindo Agassi de jogar futebol:

Meu pai não se importa que eu jogue futebol, porque pensa que ajuda a desenvolver minha agilidade na quadra. Mas há pouco tempo eu me machuquei jogando bola (...) Meu pai não gostou (...) Enquanto voltamos para casa, sem olhar para mim meu pai avisa: Você nunca mais vai jogar futebol. (...) Ele berra a plenos pulmões: Você é um tenista! Vai ser o número 1 do mundo! Você vai ficar rico jogando tênis! Isso é o que foi planejado e chega de conversa! (Agassil, 2010, pp. 51-52)

Sua trajetória não segue as fases apresentadas por Côté, Baker e Abernethy (1999), que separa o desenvolvimento do atleta em três momentos: A primeira fase, conhecida como "anos de amostragem", ocorre entre as idades de 6 e 13 anos. Durante esse período, os pais têm a responsabilidade de despertar o interesse de seus filhos pelo esporte, proporcionando uma variedade de atividades esportivas de forma divertida e empolgante, sem focar em treinamento intenso. A segunda fase, denominada "anos de especialização", ocorre entre as idades de 13 e 15 anos. Nessa fase, os jovens atletas começam a se concentrar em um esporte específico e a treinar de forma mais intensa, reduzindo seu envolvimento em outras atividades extracurriculares. A terceira fase, conhecida como "anos de investimento", começa por volta dos 15 anos e continua até a idade adulta. Durante essa fase, os atletas estão totalmente comprometidos com o esporte e trabalham para alcançar o sucesso em competições de alto nível. O número de horas de treinamento intenso aumenta

drasticamente, enquanto o tempo dedicado a atividades recreativas diminui (Côté; Baker; Abernethy, 1999).

Na sequência do livro não se tem mais dados sobre os treinamentos de Agassi e sim uma percepção própria do atleta sobre os seus jogos e seus sentimentos durante os torneios, além dos problemas psicológicos vividos pelo atleta e seu envolvimento com drogas. Durante o livro ele cita vários momentos marcantes da sua trajetória e comenta como se sentiu naquele momento. Quando foi pego no antidoping por uso de metanfetamina ele conta:

(...) recebo um telefonema. É um homem de voz rouca, uma voz que julga e condena. A voz da Autoridade. Ele diz que é médico, trabalha para a ATP.(...) É meu dever, ele diz, informá-lo de que você não passou no teste padrão para drogas da ATP. A amostra de urina que você apresentou continha quantidades residuais de metanfetamina. Caio sobre uma cadeira na área de bagagens. Estou carregando uma mochila que escorrega do meu ombro e cai no chão (Agassi, 2010, p. 213).

Ao final do livro Agassi reflete sobre sua carreira no tênis e sua vida após a aposentadoria. Ele descreve a sensação de alívio que sentiu ao se aposentar do esporte, após anos de lesões e desgaste físico e emocional. Ele também fala sobre sua vida pessoal, incluindo seu casamento com a tenista Steffi Graf e seus filhos. Ele descreve a importância da família em sua vida e como sua perspectiva mudou após se tornar pai. Por fim ele encerra o livro dentro de uma quadra de tênis, batendo bola com Steffi e feliz com o momento, termina com a frase "Eu só quero jogar mais um pouquinho".

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a autobiografia de Andre Agassi (2010), é crucial abordar a complexidade envolvida na relação entre a especialização precoce no esporte e os desafios enfrentados pelo atleta. Embora a trajetória de Agassi forneça entendimentos significativos sobre os impactos negativos associados à intensidade extrema do treinamento desde a infância, é essencial reconhecer que sua experiência não é universal.

Agassi vivenciou uma formação esportiva intensiva e especializada desde cedo, o que, por sua vez, contribuiu para desafios emocionais, físicos e psicológicos ao longo de sua carreira. No entanto, generalizar esses desafios para todos os atletas submetidos à especialização precoce seria simplificar demais uma questão intrincada.

Outros atletas podem ter enfrentado trajetórias de especialização precoce sem experimentar os mesmos níveis de desconforto e aversão ao esporte relatados por Agassi. Portanto, é fundamental reconhecer que a relação entre a especialização precoce e os resultados adversos não é linear e pode depender de uma variedade de fatores, incluindo o apoio emocional, a personalidade do atleta e a abordagem do treinamento.

Além disso, modelos de formação alternativos, como o Caminho do Desenvolvimento de Atletas (CDA), destacam a importância da diversificação durante os "anos de amostragem" e sugerem que não há uma abordagem única para o desenvolvimento esportivo. Cada atleta é único, e diferentes trajetórias podem levar ao sucesso, desde que considerem a saúde física e mental do praticante.

Assim, enquanto os desafios enfrentados por Agassi chamam a atenção para os possíveis riscos da especialização precoce, é essencial adotar uma abordagem equilibrada e contextualizada ao discutir estratégias de formação esportiva. A reflexão crítica sobre as práticas de treinamento deve levar em consideração a individualidade dos atletas e promover abordagens que equilibrem o desenvolvimento esportivo com o bem-estar a longo prazo. Sendo assim, ao invés de concluir de forma definitiva sobre a especialização precoce, destaca-se a necessidade contínua de pesquisa e discussão para aprimorar as estratégias de desenvolvimento esportivo de maneira mais abrangente e adaptada às necessidades individuais.

Não tem como saber como seria a trajetória dele se tudo fosse feito de uma forma completamente diferente. Talvez ele acabasse em outro esporte, talvez não

virasse um atleta de alto rendimento. Dentro de tudo que foi discutido o importante é ter cautela ao escolher que tipo de abordagem seguir para desenvolver as crianças no esporte que for. Agassi pode ter odiado o tênis, tido problemas pessoais dos mais diversos, entretanto tudo poderia ocorrer da mesma forma caso ele tivesse passado por outro processo de desenvolvimento.

É importante ressaltar que toda a análise feita foi com foco na formação e desenvolvimento de atletas e destacar a importância de serem feitos outros estudos sobre as possíveis consequências dos mais diferentes modelos de treinamento e muitos outros pontos que podem ser analisados a partir do livro “Agassi”.

REFERÊNCIAS

AGASSI, Andre. **Agassi** - Autobiografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 416 p.

AUSTRALIAN OPEN TV. Men's Singles Ceremony | Jannik Sinner v Daniil Medvedev | Australian Open 2024 Final. YouTube, 26 jan. 2024. Disponível em: https://youtu.be/xMZqS_L2gSo?t=878. Acesso em: 30 jan. 2024.

CARLSON, R. The Socialization of Elite Tennis Players in Sweden: An Analysis of the Players' Backgrounds and Development. **Sociology of Sport Journal**, v. 5, p. 241-256, 1988.

COELHO, O. **Pedagogia do desporto**. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SURF. **Desenvolvimento de Talentos no Surfe 2021**. 19 mar. 2021. Disponível em: <https://cbsurf.org.br/desenvolvimento-de-talentos-no-surfe/> Acesso em 31 jan. 2024.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Modelo de Desenvolvimento Esportivo do Comitê Olímpico do Brasil**. 2 ed. Ago. 2022. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/a63aad29fb2e0>. Acesso em: 31 jan. 2024.

COSTA, Marco Antonio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da; ANDRADE, Viviane Abreu de. Caminhos (e descaminhos) dos objetivos em dissertações e teses: um olhar voltado para a coerência metodológica. **Revista Práxis**, v. 6, n. 11, p. 1-14, jun. 2014.

CÔTÉ, L.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. *In*: EKLUND, R; TNENBAUM, G. (Ed.). **Handbook of sport psychology**. 3 ed. Hoboken, NJ: Willey, 2007. p. 184-202.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. The Influence of the Family in the Development of Talent in Sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J., LIDOR, R., HACKFORT, D. To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued sport participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n.1, p. 7-17, 2009.

GINCIENE, G.; IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Possibilidades pedagógicas para o ensino do tênis na escola. **Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde**, v. 15, n. 4, p. 505-521. 2017.

GONÇALVES, G. H. T. et al. Uma história do tênis no Brasil. **Educación física y ciencia**, v. 20, n. 3, p. e057, 2018.

MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R.; NUMOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**, v. 20, n. 01, p. 351-373, jan/mar. 2014.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. 3.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD).

Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas - Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil. Brasília: PNUD, 2017. 201 p. Disponível em:

https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/human_development/relatorio-nacional-desenvolvimento-humano-2017.html. Acesso em: 31 jan. 2024.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**: O imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SANTANA, W.C. Pedagogia do Esporte na Infância e Complexidade. *In*: PAES, R. R.; BALBINO, H.F. **Pedagogia do Esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro, Guanabara: Koogan, 2005. p.1-22.

WYLLEMAN, P.; ROSIER, N. Holistic perspective on the development of elite athletes. *In*: **Sport and exercise psychology research**. Academic Press, 2016. p. 269-288.